



COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA EM PERIFERIAS URBANAS – REDE DESABAFO SOCIAL¹

Bruna Santos CALASANS²
Franciele Viana da CRUZ³
Francyele Fraga OLIVEIRA⁴
Mateus Gonçalves Ferreira dos SANTOS⁵
Maria do Carmo ARAÚJO⁶
Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

Resumo

A complexidade social, aliada às diversas demandas e necessidades oriundas de diversos grupos e atores sociais, envolvem aspectos que estão direta ou indiretamente relacionados com as pautas oficiais dos poderes vigentes. O desenvolvimento de atividades comunicacionais em caráter comunitário tem proporcionado estudos e debates neste nível, favorecendo reflexões e negociações que interferem no panorama social, cultural e político. Neste trabalho, a análise da rede Desabafo Social leva em consideração todos estes elementos sob uma ótica regional, sem estar desconectada da esfera global, aliada, sobretudo, aos estudos sobre juventude e midiativismo alternativo.

Palavras-chave: Desabafo Social; Comunicação Comunitária; Juventude.

Introdução

As ações que dizem respeito à comunicação comunitária estão se tornando cada vez mais notórias, gerando resultados que repercutem na sociedade civil e na esfera pública. Diversos grupos e redes formados por jovens em diversas localidades do país estão atuando intensamente, almejando a transformação social, tornando-se importantes atores com influência política e cultural.

Segundo Bernardo Toro, a palavra mobilizar significa o ato de convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhado. No projeto ora estudado, esse sentido é compartilhado pelos integrantes da rede Desabafo Social, e o que une os membros (jovens), é o desejo

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

² Graduada em Comunicação Social/ Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: rpcalazans@gmail.com

³ Graduada em Comunicação Social/ Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: francyvianarp@hotmail.com

⁴ Graduada em Comunicação Social/ Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: francy_fraga@hotmail.com

⁵ Graduado em Comunicação Social/ Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: mateusgoncalves@live.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social/ Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: trabalhos37@yahoo.com.br



por mudança da atual realidade vivida por crianças e adolescentes das periferias brasileiras.

O Desabafo Social é uma iniciativa da jovem Monique Costa, moradora do bairro Nordeste de Amaralina em Salvador, que ao se deparar com as injustiças sociais e os direitos constituídos violados, criou um grêmio estudantil no Colégio Estadual Thales de Azevedo. Ao concluir o ensino médio, a jovem, preocupada com o seu futuro e atenta para as mazelas sociais do seu bairro, transformou o que era um simples grêmio estudantil em uma poderosa arma para o combate as injustiças normalmente vividas por adolescentes e crianças deste bairro, através de alternativas que estivessem ao seu alcance para alertar, conscientizar e divulgar a sua realidade e as dos jovens do Bairro em que mora.

O blog "Desabafo Social" ficou conhecido nacionalmente, e hoje, a jovem que estuda Humanidades na Universidade Federal da Bahia, realiza palestras e ajuda a construir ferramentas, como a sua, em outros estados brasileiros, além dela, mais seis jovens fazem parte do projeto.

O contato com a rede Desabafo Social ocorreu pelo fato de três dos componentes da equipe fazerem parte do grupo de pesquisa GUPEMA (Grupo de Pesquisa e Estudos em Mídias Alternativas e Midiativismo), e por isso, tinham conhecimento sobre a rede e um interesse em estreitar os relacionamentos, a fim de analisar a comunicação comunitária nas periferias urbanas. Como o trabalho solicitado tem relação direta com as atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa, decidiu-se investigar mais a fundo as ações do Desabafo Social, sob uma perspectiva mais ampla, aproveitando-se de outras contextualizações e referenciais teóricos.

Como a rede possui articulações em outros estados do país, encontrou-se dificuldade quanto ao agendamento da visita ao bairro de origem do Desabafo Social, pois os principais membros encontravam-se em viagens. Aliado a isso, o medo da violência (que existe na região, e não deixamos de considerar esse aspecto) nos deixou um tanto receosos, pois a região do Nordeste de Amaralina é complexa e não temos noção exata dos fluxos de tráfico de drogas (infelizmente é uma realidade que "barra estranhos" que tentam acessar esses locais) nas diversas ruas que a compõem.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é baseada em revisão bibliográfica e análise de materiais divulgados pelos jovens participantes do grupo em blogs e fanpages,



levantamento sobre dados do bairro Nordeste de Amaralina, levantamento sobre o projeto (Entrevista via Skype e visita ao bairro) e análise dos textos produzidos pelos jovens – Revista Desabafo Social. Além do levantamento bibliográfico, no qual será tida principalmente, como base, dados sobre a utilização da internet por jovens periféricos, Muniz Sodré – conceito de minorias, Antônio Gramsci – conceito de hegemonia, Bernardo Toro – mobilização social, Bauman – compreensão da ideia de comunidade e, Regina Novaes, a compreensão de juventude, o seu papel social e a importância do acesso à cultura para a sua formação.

1. Histórico da Região do Nordeste de Amaralina

A região Nordeste de Amaralina é formado por quatro localidades: Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho e o Nordeste antigo. O bairro, ao reunir todas essas localidades, é denominado como a Região Nordeste de Amaralina (RNA).

A RNA está localizada no sul da cidade de Salvador, é cercada pelos bairros da Pituba, Amaralina, Itagira e Rio Vermelho e possui, segundo informações do censo demográfico do IBGE de 2010, disponibilizadas no site da Prefeitura de Salvador, 76.087 habitantes.

O artigo “O lugar da Região Nordeste de Amaralina em Salvador: interfaces entre centro e periferia” de Tatiane dos Santos Souza, apresenta que essa região hoje está presente em um espaço que, na primeira metade do século XX, era formado por quatro fazendas que pertenciam à sesmária Ilha de Itaparica. Contudo, em 1932, quando o sistema de capitâneas hereditárias já tinha chegado ao fim, a Prefeitura de Salvador aprovou a criação de loteamentos, que se tornaram regiões de veraneio da elite baiana.

Com o tempo, essa região começou a se tornar atrativa para a população pobre que vinha em busca de empregos nas fazendas. Porém, deve-se salientar que a ocupação desta região não foi tão simples, pois uma destas fazendas era protegida por capangas a mando do seu administrador. Mas em 1954, a prefeitura aprovou a criação do loteamento desta fazenda.

A partir da década de 1960, constatou-se então uma rápida intensificação na ocupação da Região, modificando as suas características, deixando, por exemplo, de ser rural e se tornando mais povoada.

Entre o final da década de 40 e início da década de 50, a Região do Nordeste de Amaralina era a segunda maior invasão de Salvador, sendo a primeira o bairro



Alagados, presente no Subúrbio Ferroviário. A ausência de recursos básicos gerou um impulso para que a comunidade começasse a se organizar na busca da garantia dos seus direitos. Após isso, a presença da italiana Anna Sironi possibilitou também a criação da associação de moradores, de uma escola comunitária e do acompanhamento das famílias da comunidade por alguns casais que realizavam o registro do número de moradores, além de acolhê-los e mobilizá-los.

Hoje a Região do Nordeste de Amaralina é alvo de preconceitos, fruto, principalmente, do exagero das manchetes dos veículos de comunicação de Salvador. Mas a comunidade, através das suas organizações comunitárias e seus grupos de movimentos sociais buscam mostrar cada vez mais a outra realidade tão desconhecida e diferente da que é retratada nos MCM.

Esta visão preconceituosa sobre a Região Nordeste de Amaralina é também uma consequência desta região está localizada na periferia de uma grande cidade como Salvador. A falta de investimentos em infraestrutura e em serviços de ordem básica a população mais pobre, que se encontra nesta região devido ao menor custo de vida, ocasiona que esta população sofra além das dificuldades de acesso a esses serviços, o preconceito de pessoas de outras regiões da cidade.

Contudo, ao analisar a história do bairro e o seu contexto atual constatou-se que nessa região existem vários grupos e movimentos organizados pela própria população como forma de lutar contra as desigualdades que atingem a população e produzir um discurso contra-hegemônico que apresente a população de outros bairros de Salvador a verdadeira realidade do bairro e suas reais necessidades. Esta mobilização da população pode ser justificado por um pensamento de Heller:

só quem tem necessidades radicais pode querer e fazer a transformação da vida. Essas necessidades ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana. Só pode desejar o impossível aquele para quem a vida cotidiana se tornou insuportável, justamente porque essa vida já não pode ser manipulada. (HELLER about MARTINS, 1998, pág. 6)

2. Minorias, Hegemonia e Contra-hegemonia

Segundo Muniz Sodré, em seu livro intitulado: “Comunicação e Cultura das minorias” o conceito de minoria se refere à tomada da palavra por parte de um grupo que antes não tinha poder de fala, sendo um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra hegemônica. Minoria é então, uma qualidade do agir político, de tomada de decisão - uma vontade de ser visto perante a



sociedade. “Minoria não é, portanto, uma fusão gregária mobilizadora, como massa ou a multidão ou ainda um grupo. É sim um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra hegemônica” (SODRÉ, 2005, p.11).

Muniz utiliza o conceito de maioria, que significa possibilidade de fala e minoridade que significa a impossibilidade de fala, para explicar que minoria significa àquele que não tem acesso à fala plena:

Minoria não é nunca quantitativa. Minoria é certa qualidade do agir político. Quem não fala é infantilizado, é isso que quer dizer infância – aquele que não fala. A minoria é um grupo que tenta crescer, que tenta falar, que tenta se expandir. (SODRÉ, 2005, p.115).

São características básicas das minorias a “vulnerabilidade político-social”, ou seja, o grupo minoritário não é protegido efetivamente pelas leis que rege o país. A identidade *in statu nascendi*, e a luta contra hegemônica - todo grupo minoritário tem como objetivo a redução do poder hegemônico sobre as classes menos favorecida.

Dessa forma, o conceito de minoria é colocado como um lugar, espaço ocupado por um corpo ou um objeto, o que vai determinar o território como espaço afetado pela presença humana, ou seja, lugar da ação humana:

Lugar ‘minoritário’ é um topos polarizador de turbulências, conflitos, fermentação social. O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual. (SODRÉ, 2005, p. 15)

Observando o contexto vivido por jovens periféricos em Salvador, percebe-se que estes são minorias, uma vez que seus direitos são diariamente violados. Falta saúde pública de qualidade, o ensino nas escolas públicas, são por vezes, deficientes e as opções de lazer e esporte são quase inexistentes.

Muniz Sodré resume Minoria como uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias, em outras palavras, é aquele que não tem acesso à fala plena. Posto isso, em se tratando do conceito de minoria, não se pode dissociá-lo de outro: o conceito de hegemonia. Segundo o teórico Antonio Gramsci (2002), a hegemonia é obtida e consolidada em embates que comportam não apenas questões vinculadas à estrutura econômica e à organização política, mas envolvem também, no plano ético-cultural, a expressão de



saberes, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que querem legitimar-se e universalizar-se.

Hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo (GRAMSCI, 2002b, p.65).

Como resultado de um processo histórico, a constituição de uma hegemonia pode (e deve) ser preparada por uma determinada classe que lidera a constituição de um bloco histórico, e para consolidar sua influência ideológica, o bloco hegemônico precisará conservar os apoios às suas orientações:

Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante até o momento em que – através de uma classe sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas e impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder. (GRUPPI, 1978, p.67)

Depreende-se, a partir disso, que uma direção ético-política não depende apenas de força material, mas deve ser alcançada também através de estratégias de argumentação e persuasão, ações concatenadas e interpretações convincentes sobre o quadro social.

Ações de grupos como o Desabafo Social, vão de encontro ao sistema hegemônico vigente, questionando as ideologias, representações e articulações excludentes. Desestabilizam os discursos preconceituosos e deturpadores, atentando para os direitos humanos e almejando igualdade e respeito.

O tratamento das problemáticas e outros elementos pelas minorias, a partir de uma perspectiva de autorreferencialização, gera questionamentos e reflexões sobre a mídia tradicional e o conjunto de símbolos e referências que constituem imaginários e representações, geralmente negativas, sobre os lugares que as minorias ocupam, considerando que:

Os meios de comunicação elaboram e divulgam equivalentes simbólicos de uma formação social constituída e possuidora de significado relativamente autônomo. O discurso midiático interfere na cartografia do mundo coletivo, na medida em que propõe óticas argumentativas sobre a realidade, aceitas por amplos segmentos sociais, dentro de uma lógica de identificação e correspondência. (MORAES, 2010, p.67)



3. Para tanto, os trabalhos de coletivos como o Desabafo Social, geram o que se denomina ações contra-hegemônicas, ou seja, que são alternativas aos direcionamentos hegemônicos, e como bem explica Downing (2002), a mídia alternativa dos movimentos sociais seria, em geral, de pequena escala e sob muitas formas diferentes, que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. Que não apenas fornece ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisa formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalece o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas (DOWNING, 2002).

3. A compreensão de juventude e a formação de jovens das periferias como sujeitos politizados

Antes da análise dessa juventude é importante retomar o conceito de comunidade e perceber o seu sentido nesse contexto. A rede formada por esses jovens mostra que a ideia de comunidade não precisa, necessariamente, estar associada a ocupação dos indivíduos em um mesmo território. O Desabafo Social, através do sentimento coletivo, visa o bem comum, seus colaboradores estão espalhados em diversas localidades e a união, a coletividade se dá por meio da internet e por visitas ocasionalmente. A comunidade sugere coisa boa, confortável e aconchegante, assim como aponta Bauman, no livro *Comunidade - A Busca por Segurança no Mundo Atual*: “[...] numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos.” (BAUMAN, p.8).

Assim, Bauman (2003) compreende que a comunidade é tecida de compromissos de longo prazo, com uma perspectiva de futuro e não algo passageiro. Evelle (fundadora do Desabafo Social) sinalizou que a ideia de comunidade remete a integração, com pessoas, empreendimentos e com o próprio bairro. “É aproveitar a potencialidade de cada morador, de cada pessoa que transita pelo bairro, em prol do próprio bairro. O Nordeste de Amaralina é um bairro que esconde pessoas incríveis. Eu chamo de notórios anônimos.”.

O Desabafo Social é composto por jovens, então se torna fundamental a análise da condição juvenil. E para isso, também é importante retomar alguns conceitos trabalhados na disciplina de Comunicação Comunitária. Ação social – toda ação que



tenha sentindo, dentro de um contexto social. Intelectual orgânico, que coloca o saber junto a uma causa (o que acontece com essa rede) e está diretamente relacionada com a filosofia da práxis, de Gramsci, que une o saber teórico e prática em prol de um determinado segmento social, neste caso do Desabafo Social trata-se da adesão do intelectual orgânico em prol das classes populares.

A bibliografia de Regina Novaes, cientista social, presidente do Conselho Nacional da Juventude (2005-2007) e pesquisadora de temas relacionados à juventude, é de extrema importância para essa compreensão.

Ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação. (...) a juventude é vista como etapa de preparação, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, a saber: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania (Novaes, 2007:7).

Nessa esfera, a análise volta-se especificamente para jovens, pobres (não só considerando a renda, mas principalmente os direitos não acessados), negros e moradores de periferias, um conjunto de elementos que refletem em estereótipos, preconceitos, estigma – transformando esses jovens em uma parte dos indesejados da sociedade.

A ideia de estigma compreende a esfera social, estando ligada à construção de significados, a relação entre atributos e estereótipos. Esse fator fornece meios de comunicar algo que um indivíduo possui, constituindo um dispositivo de excluir o outro que é indesejado. A imagem estigmatizada é aplicada para as diferenças evidentes dos sujeitos, por meio de marcas socialmente construídas, principalmente pela espetacularização da mídia.

Regina Novaes sinaliza a ambivalência dessa juventude, comentando ainda sobre a ideia de juventudes, em decorrência das diferenças culturais e das desigualdades sociais: “Em uma sociedade marcada por grandes distâncias sociais, são desiguais e diferentes as possibilidades de se viver a juventude como “moratória social”, tempo de preparação”⁷. E, ainda acrescenta que “a pergunta ‘onde você mora?’ ’ pode ser decisiva na vida de um jovem e muitas vezes é preciso omitir o território onde mora, por

⁷ Juventude e sociedade: jogos de espelhos

Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas. Disponível em:

<http://portalyah.com/facj/files/2011/09/Juventude-e-Sociedade-Regina-Novaes.pdf>



conta desses preconceitos. De modo que vários elementos influenciam no cenário em que se encontram.

Na concepção de Regina Novaes ser jovem é ser suspeito. A violência está diretamente associada ao jovem (que mais mata e morre), esse problema social está principalmente ligado aos jovens pobres, negro, residente em periferias e do sexo masculino. De acordo com o mapa da violência de 2012, de cada dez brasileiros que perdem a vida, 7 são negros – sobretudo jovens entre 15 e 19 anos.

Entretanto, dentro desse mesmo território, marcado por essa imagem estigmatizada, é visível o processo de reatualização, de reconhecimento dos sujeitos. Iniciativas que partem desses jovens, novas formas de se comunicar, considerando esses segmentos que não são totalmente representados pelas mídias tradicionais. Dessa forma visam a quebra da homogeneização centralizada nessa grande mídia, além de almejar por uma transformação social.

Assim, redes/coletivos, que se utilizam das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) como aliadas, que abrem espaços midiáticos alternativos para que jovens tenham a possibilidade de agir no protagonismo juvenil nas Políticas Públicas.

Censurados, invisíveis e espalhados pelos quatro cantos, os protagonistas juvenis vem desenvolvendo ações de grande impacto, mostrando engajamento e compromisso naquilo que acreditam. Seja no recorte social e político, seja no recorte econômico e cultural⁸.

Essas NTIC's vêm contribuindo bastante na preservação e fomento do panorama cultural de uma comunicação destituída de poder refletindo na expansão da capacidade comunicativa dessa juventude que almeja por uma participação social. “Detentores da tecnologia, vários grupos e comunidades encontrarão na arte e cultura e nas suas manifestações o instrumento ideal para conscientizar não somente seus pares, os Mesmos, como também o mundo exterior, onde vivem os Outros de si”⁹.

E assim acontece com a rede Desabafo Social, uma articulação entre arte, comunicação e mobilização social, que cria o seu próprio conteúdo – autóctone: pela e para a periferia (sobretudo um conteúdo de dentro (periferia), sobre dentro, para dentro e fora), na busca por reconhecimento junto à esfera da visibilidade pública. De tal

⁸ “É POSSÍVEL PROTAGONISMO JUVENIL SEM REFORMA POLÍTICA?” – texto disponível no Blog Desabafo Social. Disponível em: <http://rededesabafosocial.wordpress.com/>

⁹ Mídia Alter{n}ativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica – Organização: Ricardo O. Freitas.



modo, esses jovens passam de simples coadjuvantes para protagonistas juvenis. Assim, esses jovens se atentam para as mazelas sociais utilizando a mídia contra hegemônica e outras alternativas visando alertar, conscientizar e divulgar a realidade do Nordeste de Amaralina e dos jovens que residem nessa localidade. Além de se preocupar com os “Outros de si”, que se encontram em outros bairros de Salvador e em outros Estados.

As produções que ora deslumbram aspectos de realidades antes invisibilizadas fazem parte de um processo de produção em mídia que apresenta a mídia, não como mero instrumento, mas como ambiente de ações sociais, como subsistema, “composto por um conjunto de instituições típicas e um grupo de especialistas” com relativa autonomia frente a outros subsistemas. (cf. MAIA; CASTRO, 2006, p. 21)¹⁰.

Pode parecer contraditório o fato desses grupos se utilizarem dos meios de comunicação hegemônicos. No entanto, o que acontece é uma apropriação, uma adaptação desses meios. Barbero (2004) entende que as alternativas de comunicação popular não devem, necessariamente, ser marginais às grandes mídias. Podem apoderar-se de traços de cultura massiva.

Elenaldo Teixeira¹¹ analisa o crescimento das ações coletivas, sinalizando que a partir do momento em que o Estado deixa de cumprir totalmente as demandas da sociedade, se destaca a presença de atores políticos e sociais.

Com a crise do Estado, o desprestígio e a burocratização do sistema partidário, o agravamento dos conflitos sociais e a crescente conscientização de vários segmentos sociais, desenvolvem-se novas alternativas de participação, novas áreas de relações sociais (...), incorporando-se temas até aí fora da problemática política tradicional. (TEIXEIRA, 2001, p. 28)

A participação cidadã, mantendo caráter de atuação organizada dos indivíduos, grupos e associações, vem de modo a abranger áreas mais gerais, seria mais voltada para o Estado e o mercado, visando o direito de todos, interesses políticos mais amplos. Isso não significa que nega a presença do Estado, pelo contrário, assume um papel de reforço, de maneira a articular outras ideias com as já existentes, articulando a relação sociedade civil e Estado.

Assim percebe-se que é possível idealizar a participação política de forma a potencializar a ação comunicativa nos espaços públicos, de modo que nesse cenário,

¹⁰ Mídia Alter{n}ativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica – Organização: Ricardo O. Freitas.

¹¹ In: Teixeira Elenaldo. O local e o global: limites e desafios da participação cidadã. SP. Cortez.2001.



juvêns vêm atuando frente a construção de um discurso contra-hegemônico (através das mídias digitais), como possibilidade de luta contra essas forças – tanto da mídia hegemônica, quanto do poder hegemônico - alterando a realidade, almejando o fortalecimento jurídico e o respeito aos direitos básicos.

4. Os atores que dão início a um processo de mobilização social

Segundo Bernardo Toro, para que haja mudança é necessário um processo, ao qual uma pessoa, um grupo ou uma instituição decida iniciar um movimento, com intuito de modificar o espaço. É necessário deste modo, que algum sujeito (pessoa, instituição, grupo de pessoa) der início a este movimento e a essa busca por mudança.

O sentido de mobilização social deverá ser entendido com auxílio de outro termo, este deve estar de acordo com a coletivização, que é entendida como sentimento e a certeza de que, o que se está fazendo em certo ambiente, no campo de atuação de um ator social, é o mesmo que está ocorrendo em outros locais, por diferentes atores. Este sentido da estabilidade ao processo de mobilização, pois se sabe que os movimentos não são solitários, e sim, fazem parte de uma rede de acontecimento, é importante tanto para o local, como para o global.

Ainda segundo Toro, uma das formas de alcançar a coletivização é por meio da circulação de informações. O que difere coletivização de uma simples divulgação é o seu sentido de informação, pois, muitas vezes, o ato de divulgar está relacionado à promoção ou o ato meramente informativo. No caso da mobilização o foco é:

No compartilhamento da informação (não simplesmente na sua circulação) e o resultado desejado é que as pessoas formem opiniões próprias, se disponham a agir e ajam. E mais, que se sintam donas dessa informação, repassem-na, utilizem-na e se tornem elas próprias fontes de novas informações. (TORO, 2005. p.31)

Para que uma mobilização seja eficiente, é necessário que ela seja bem comunicada, é pertinente que todos os potenciais envolvidos sejam informados de ações, objetivos e justificativas. Em meio às mudanças tecnológicas vividas contemporaneamente, percebe-se que novas ferramentas para a difusão da informação são utilizadas. E essas têm grande relevância, uma vez que, socializam com maior rapidez diferentes conteúdos, o que garante que todos os participantes se sintam autônomos para ajudar no desenvolvimento.



Considerações Finais

A partir das reflexões e da observação da rede Desabafo Social, constatou-se que o grupo busca, através de diversas ações, que refletem em novas formas alternativas de comunicação (já que em sua maioria esses segmentos sociais não se enxergam na mídia tradicional), e na produção de um discurso contra-hegemônico, romper a homogeneização centralizada na grande mídia e mudar a realidade na qual vivem.

Além disso, é possível observar que os jovens do Desabafo Social fazem uma articulação entre arte, comunicação e mobilização social, e ao produzirem seus conteúdos autóctones – sobretudo de dentro sobre dentro para dentro e fora - encontram na Internet uma possibilidade de transformar a realidade. Através das ferramentas propiciadas pela rede, eles conseguiram ampliar o alcance dos seus discursos e de suas ideias. Assim, ocasiona na mobilização de outros jovens na participação da transformação social. A rede Desabafo Social é apenas um dos muitos grupos que existem no Brasil com o intuito de realizar a mobilização social. Mas como todos os outros, o Desabafo Social é imprescindível no Brasil, visto que através do seu trabalho o grupo informa, educa e incentiva, no intuito de que outros jovens possam engajar-se em causas sociais e unirem-se na promoção dos direitos humanos.

Percebeu-se também que a visibilidade construída a partir de uma referência própria, através dos processos de comunicação comunitária, é fundamental para grupos minoritários, pois a fala que não lhes é autorizada por diversos mecanismos de controle, os impulsiona a gerar conteúdos que retratem a si mesmos e as comunidades que os cercam de forma fiel e original, sem intermediários deturpadores, sem processos deletérios. Essas iniciativas exploram conhecimentos e imagens pelas e para as próprias comunidades, contribuindo para uma apropriação identitária, incitando reflexões, contradições, intervenções, negociações entre os próprios envolvidos, e exibindo as características locais comunitárias em um contexto global, pensando na utilização da Internet.



Referências

DOWNING, John D.H. **Mídia Radical, Rebelia nas comunicações e movimentos sociais**. Senac, São Paulo, 2002.

FREITAS, Ricardo Oliveira – Organizador. **Mídia Alter{n}ativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica**. Ilhéus, BA: Editus, 2009.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere - Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. 495 p. v. 6.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos – Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. Disponível em: <<http://portalyah.com/facj/files/2011/09/Juventude-e-Sociedade-Regina-Novaes.pdf>> Acesso em 25/11/2013.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2000.

TEIXEIRA, Elenaldo. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã**. SP. Cortez, 2001.

TORO, Bernardo. **Mobilização Social – Um modo de Construir a democracia e a participação**. UNICEF- Brasil, 1996.